

O Discurso Negacionista no Brasil Pandêmico

The Denialist Discourse in Pandemic Brazil.

Josué Vieira Filho¹Tiago Pereira da Silva²

RESUMO: A análise do negacionismo científico no Brasil contemporâneo, especialmente sob a influência de discursos políticos, revela dinâmicas complexas que se entrelaçam com a psicanálise e a análise do discurso. A ascensão do negacionismo, associado ao governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), manifesta-se em ações que deslegitimam a Ciência, como o desmonte de programas de pesquisa e a promoção de tratamentos sem comprovação científica durante a pandemia de Covid-19. Discursos negacionistas, impulsionados por teorias da pós-verdade, criam uma realidade que desafia o conhecimento científico e propaga desinformação. Este fenômeno está intrinsecamente ligado à dinâmica das redes sociais, onde a disseminação de *fake news* se intensifica. A psicanálise contribui para entender como esses discursos refletem a subjetividade dos indivíduos, revelando medos, inseguranças e a necessidade de pertencimento. Além disso, a figura do líder político se torna central na formação de massas, com o discurso de Bolsonaro evocando um ideal de *Eu* que ressoa com os desejos de seus apoiadores. Essa análise permite desvelar as estruturas simbólicas que sustentam o negacionismo, mostrando como ele se insere nas relações de poder e nas subjetividades em nossa sociedade.

PALAVRAS - CHAVE: Análise do discurso; Negacionismo; Psicanálise; Pós-verdade.

ABSTRACT: The analysis of scientific negationism in contemporary Brazil, particularly influenced by political discourse, reveals complex dynamics intertwined with psychoanalysis and discourse analysis. The rise of negationism, associated with Jair Bolsonaro's government (2019-2022), manifests in actions that delegitimize Science, such as dismantling research programs and promoting unproven treatments during the Covid-19 pandemic. Negationist discourses, driven by post-truth theories, create a new reality that challenges scientific knowledge and spreads misinformation, especially on social media. Psychoanalysis aids in understanding how these discourses reflect subjectivity, revealing fears and

¹ Doutorando em Psicologia, pela Universidade de Buenos Aires – UBA; Mestre em Serviço Social, pela PUC Goiás; Especialista em Terapia de Casal e Família, PUC Goiás. E-mail: josuevieira@hotmail.com

² Mestrando em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC Goiás; Pós-graduando em Tradução, pela Faculdade Cultura Inglesa (SP); Bolsista CAPES. E-mail: thiago5679@hotmail.com

insecurities. Furthermore, the political leader becomes central to mass formation, with Bolsonaro evoking an ideal self that resonates with his supporters' desires. This analysis

uncovers the symbolic structures that sustain negationism, demonstrating its embedding in power relations and the subjectivities of society.

KEYWORDS: Discourse analysis; Negationism; Psychoanalysis; Post-truth.

INTRODUÇÃO

O discurso do negacionismo e da negação científica na realidade brasileira insere-se em um cenário de movimento político, o que confere a esse fenômeno uma série de peculiaridades e complexidades, além de singularidades.

As implicações do discurso do negacionismo se materializam na realidade econômica e social, e dizemos que o maior expoente desse fenômeno foi a condução da pandemia do novo Coronavírus, cujas consequências em termos de número de vítimas com sequelas, e vítimas de mortes ainda estão sendo calculadas, isso, devido à subnotificação que sempre ocorre em uma tragédia de proporções como essas.

Desse ponto de vista da contribuição psicanalítica, o presente estudo aqui proposto oferece a possibilidade de pensar o negacionismo a partir das repercussões desse fenômeno do sujeito para o sujeito, a partir de sua ação psíquica dentro deste contexto histórico.

Através da concepção de gozo¹ e desejo² dentro da Psicanálise, é possível compreender que há uma dimensão psíquica na relação do sujeito com a realidade, bem como na razão e na lógica tal como ela veio a se constituir na sociedade moderna.

Por outro lado, objetiva analisar o modo como uma relação vai além do contato com o empírico. Entende-se que, para a Psicanálise, em Freud e Lacan, a própria constituição do sujeito, de sua lógica, ocorre em outra instância, apesar de ter sido construída, como se quer, forjada pela ciência como a conhecemos. Dessa forma, a Psicanálise poderá enfrentar os efeitos de um discurso negacionista; E mais do que, analisando seu caráter lógico e argumentativo, pode-se pensar nas dimensões do desejo, do gozo, dos afetos, bem como das identificações, entre outras implicações subjetiva.

¹O conceito de gozo assume diferentes significados na obra de Lacan (1959-60/2008), no entanto pode-se entender que se refere ao prazer que comporta um sofrimento, implicado com o que está além do princípio do prazer ligado ao masoquismo primário, Freud (1920/2010), estabelece o gozo como um prazer na dor manifestado na compulsão, a repetição ligada à pulsão de morte.

²O desejo é a articulação do sujeito ao campo do Outro, sendo sempre desejo de desejo, ou seja, estruturado pela falta que o constitui como sujeito de linguagem. Segundo Fink (1998, p. 23), de acordo com a teoria lacaniana, a linguagem permite que o desejo se realize, mas nunca nos satisfazemos quando conseguimos o que pensávamos desejar.

Especificamente sobre a dimensão do desejo, percebe-se que o discurso da negação científica pode representar a negação da própria realidade, quando confrontado com estruturas psíquicas que operam outra forma de discurso e, por sua vez, a linguagem.

Sob a influência da literatura psicanalítica, podemos pensar no ato de negar, elementos da realidade objetiva, como expressão psíquica da negação da culpa que constitui o sujeito e, conseqüentemente, da negação do próprio desejo.

A realidade do contexto contemporâneo revelou-se de grande relevância para a análise dos discursos de negação. Nesse sentido, o pensamento de Dunker (2017), sobre a pós-verdade trouxe clareza ao modo como a subjetividade está imbricada na contemporaneidade e nos comportamentos vinculantes. As reflexões do autor sobre a “verdade contextual” e a “retórica icônica”, presentes especialmente em um ambiente virtual, nos levam a pensar como o negacionismo científico pode até mesmo se engajar em relações intersubjetivas.

A partir das contribuições de Freud (1921/2011), é possível compreender como o vínculo afetivo da massa permite ao movimento conservador identificar-se com o líder, e a partir dele introjetar as características como o *Ideal* do *Eu*³. Nesse sentido, podemos compreender o compartilhamento entre indivíduos de caráter combativo e antissistêmico, o abandono da racionalidade e da fundamentação científica, e perceber o modo como se configura a busca pelo gozo.

A análise do movimento político também revela a dupla função da busca do gozo, seja pela transgressão do direito progressista e científico, seja pela submissão à disciplina religiosa, ambas as modalidades dizem respeito à imposição tirânica do superego diante do *Eu* (Lacan, 1953, 1954/1986).

No desenvolvimento deste trabalho pretende-se verificar que o discurso da negação científica é um fenômeno composto por vários elementos. Entre os que identificamos e analisamos estão: a liberdade de expressão como abandono do fundamento lógico-científico, a tentativa de construção de uma nova razão; teorias conspiratórias subjacentes à

³ Compreende-se que o ideal do eu é moldado por valores culturais, éticos e normativos. Não se trata do narcisismo parental, mas daquilo que constitui o próprio projeto de ser. Representa a imagem que o sujeito constrói de si como modelo a ser alcançado. Já não é a idealização narcísica imposta pelos pais, mas sim um desejo que se diferencia da figura idealizada que os pais almejavam. Convém destacar que, conforme Freud (1914/2010), o ideal do eu emerge como produto do recalque, mecanismo psíquico de defesa que atua contra representações incompatíveis com a imagem que o sujeito busca afirmar como seu eu ideal, agora desvinculado do narcisismo parental. Assim, o ideal do eu está inevitavelmente atravessado pelo recalque. Nota-se que esse ideal em formação, enquanto tenta consolidar uma identidade que, paradoxalmente, não é inteiramente própria, pois se estrutura a partir de valores sociais internalizados, rompe, por meio do recalque, com o eu ideal, aquele que, segundo Freud (1914/2010), será mais adiante objeto de tentativa de reintegração.

disputa por discursos e corpos; compartilhamento de *fake news*; O enfrentamento do politicamente correto como forma de enfrentamento das ideologias dominantes.

Todos esses fenômenos demandam maior atenção e discussão, para cada um deve haver uma série de implicações subjetivas que podem ser avançadas neste trabalho e que surgem como possibilidades para o campo da Psicanálise e Análise do Discurso, e outras áreas do conhecimento.

Acreditamos que este trabalho provoca uma reflexão sobre o papel da Psicanálise hoje, como ela é percebida pela sociedade e como ela deve se posicionar diante de um movimento de aversão e deslegitimação de seus conhecimentos.

Por fim, este estudo tem como objetivo apresentar uma contribuição ao diálogo entre Psicanálise e Análise do Discurso, tendo como eixo central a perspectiva de compreensão da posição do sujeito e das implicações psíquicas derivadas do discurso negacionista em um determinado contexto histórico.

POR UMA TEORIA DO DISCURSO

O termo discurso tem muitos significados. O mais conhecido deles é o discurso como exposição metódica sobre determinado tema. Um conjunto de ideias organizadas através da linguagem a fim de influenciar o raciocínio, ou pelo menos, os sentimentos do ouvinte ou leitor.

Outro sentido atual, amplamente utilizado entre linguistas, estudiosos sociais e da comunicação, como Michel Foucault e Émile Benveniste (1970), mas menos difundido, é o de que o discurso é algo que sustenta e, ao mesmo tempo, se sustenta na ideologia de um grupo ou instituição social. Ou seja, baseia-se em um conjunto de pensamentos e visões de mundo derivados da posição social daquele grupo ou instituição que permitem que aquele grupo ou instituição se sustente como tal em relação à sociedade, defendendo e legitimando sua ideologia, que é sempre coerente com seus interesses.

O termo discurso também é reivindicado por linguistas, psicólogos, antropólogos e sociólogos de diferentes orientações teóricas. Assim, ora está associada a perspectivas cognitivistas, ora a concepções interacionistas, pragmáticas, etc. Há também aproximações do termo discurso com conceitos como texto e gênero textual, e em abordagens mais textuais a ideia de unidade semântica do texto é apresentada como fator relevante. Na opinião de Trask (2006, p. 84), é o fato de um determinado texto escrito ou falado estar conectado que o caracteriza como discurso.

A análise do discurso e as teorias enunciativas - como a de Benveniste (1970) - outras orientações, majoritariamente oriundas da institucionalização anglo-saxônica e americana, como a Linguística Textual, a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversação, entre outras, frequentemente aplicam o termo em seus próprios campos, conceituando-o de acordo com seus respectivos referenciais teóricos.

Na afirmação de Maingueneau (2008), em algumas disciplinas a noção de discurso é tomada como objeto, enquanto em outras se configura como ponto de vista.

O discurso é algo que vai além dos textos e enunciados que nele se baseiam. O discurso sustenta os enunciados e, ao mesmo tempo, é reforçado pelos enunciados que os realizam, mas nunca pode se restringir a um enunciado específico, nem pode existir sem esses enunciados.

De meados do século XX até os dias atuais, consolidaram-se três diferentes formas de usar o discurso: como demarcação de campos de conhecimento, sejam eles práticos ou teóricos. É o que significa, por exemplo, o discurso do jornalismo, o discurso da física, o discurso na psicanálise lacaniana (1998) entre outros; como demarcação de planos ideológicos (discurso marxista e fundamentalista, por exemplo), como demarcação de planos históricos ou epistemológicos, como no caso dos discursos renascentistas, iluministas, geneticistas, criacionistas etc.

Aristóteles (2005), ao longo do *Organon* acaba tipificando quatro tipos de discurso, de acordo com sua finalidade, ordenando-os de acordo com o grau de rigor produzido pelo método. A concepção de discurso tratada por Aristóteles está mais ligada ao primeiro sentido da palavra, como explicado acima.

O discurso lógico, que é o método pelo qual se chega a uma certeza em que o axioma resultante é tomado como verdadeiro e indubitável, pode ser produzido mecânica ou eletronicamente por dispositivos e tem uma aplicação indispensável, principalmente, na matemática.

O discurso dialético, que, embora não aspira à certeza absoluta, procura obter a máxima probabilidade de certeza e veracidade que se verifica a partir da síntese entre dois enunciados antagônicos, a saber, a tese e sua antítese.

No discurso retórico, no entanto, não há compromisso na busca da verdade, nem em sua probabilidade demonstrável. Aqui, o orador ou escritor visa apenas convencer o ouvinte ou leitor de que sua tese é correta ou verdadeira, usando seu modo de falar, seus gestos e até mesmo seu modo de vestir como fatores para influenciá-los ou persuadi-los.

No discurso poético, o grau de certeza ou veracidade não importa, ou melhor, pode até ir contra o discurso, uma vez que a razão é abandonada em favor da ficção ou da fantasia. Nesse método, o que importa é influenciar a emoção e não o raciocínio do ouvinte ou leitor, como forma de impressioná-lo.

Benveniste (1970), foi responsável pelo desenvolvimento da Teoria da Enunciação, na qual define enunciação como a necessidade de se referir por meio do discurso. A enunciação é entendida como um processo pelo qual o sujeito discursivo mobiliza a linguagem por si mesmo, converte a linguagem em discurso por meio do uso que o falante faz dela, somatizando-a. Simplificando, enunciação é a discursividade da linguagem.

Dentro desse conceito emerge o sujeito do discurso, visto como centro de referência interno, do qual emergem marcas de pessoa (eu - tu), ostensão, espaço e tempo, representados por pronomes. Define o falante, quem fala, e o alocador, a outra pessoa a quem se fala, além do “ele” não pessoa, todo ou qualquer coisa que seja mencionado no discurso. Essas formas pronominais não se referem à realidade ou às posições objetivas no espaço e no tempo, referem-se apenas à enunciação que as contém. Cria-se, então, uma realidade de discurso original e fundamental. A dimensão semântica proposta pelo linguista trata da linguagem posta em uso por um falante e difere do caráter estruturalista da obra de Saussure, em que o sujeito está na fala e não é objeto da linguística.

Uma das principais críticas ao conceito benvenista de discurso vem de Michel Pêcheux, em sua obra *Semântica e Discurso*, na qual afirma que esse conceito se baseia em distorções individuais, escapando do processo de produção de uma variedade ilimitada de discursos, tornando-se um avatar dele.

Pêcheux é o fundador da Escola Francesa de Análise da Fala, que teoriza como a linguagem se materializa na ideologia e como ela se manifesta na linguagem. Ele concebe o discurso como um lugar particular nessa relação.

Pêcheux (1995), pensa o significado como regulado no tempo e no espaço da prática humana, descentralizando o conceito de subjetividade ao eliminar a autonomia do objeto linguístico. Ou seja, a crítica ao objetivismo abstrato e idealista ou ao subjetivismo, a análise do discurso não trabalha com um sistema de sujeito totalmente autônomo, onipotente ou comum (a linguagem é comparativamente negligenciada).

Em *A Ordem do Discurso*, Michel Foucault (1996), analisa a formação e a manutenção de discursos baseados em tensões de poder e controle social. Para o autor, o discurso atravessa todos os elementos da experiência, uma vez que o discurso se encontra

em todo conjunto de formas que comunicam um conteúdo, qualquer que seja a linguagem a que pertença.

Segundo Foucault (1996), mais importante do que o conteúdo dos discursos é o papel que eles desempenham na ordenação do mundo: um discurso dominante tem o poder de determinar o que é aceito ou não em uma sociedade, independentemente da qualidade do que legitima. O discurso dominante não está comprometido com uma verdade absoluta e universal. Ao contrário, é ele quem produz a verdade (portanto, isso é arbitrário), que legitima um determinado campo de enunciados e marginaliza outros, num processo que o autor chama de compartilhamento da verdade.

Deste modo, a análise do funcionamento discursivo, visa explicar os mecanismos de determinação dos processos históricos e de dois sentidos. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político.

Como diz Cortina (1982), a análise do discurso trabalha com a textualização política da análise do falante e, assim, podemos compreender como as relações de poder são significadas, tal como são simbolizadas.

É aí que aparece ou que Cortina (1982) chama de ilusão política, que não enquadra as preocupações e objetivos da Análise do Discurso. Pelo confronto político com o simbólico, a proposta de Análise do Discurso levanta questões para a Linguística, seu questionamento de qual historicidade exclui, e da mesma forma, é possível pensar como as Ciências Sociais questionam e dão transparência à linguagem sobre a qual estão apoiadas. Por meio desse questionamento da transparência da linguagem no campo das Ciências Sociais, Pêcheux (1995), critica que estas não são quebradas, pelo contrário, estão em continuidade com a ideologia que as sustenta.

O discurso é definido por Pêcheux (1995), como o efeito de significados entre falantes, objeto histórico-social no qual pressupõe sua linguística. O autor critica a evidência de sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido.

Para Foucault (1996), sempre haverá uma lacuna entre os discursos; Sempre haverá um discurso que obriga os outros a se restringirem à verdade que ele estabelece. Portanto, não importa a substância do que um discurso enuncia, mas seu posicionamento nessa rede de tensões sociais.

O que pode ser dito ou feito em uma sociedade é definido por critérios muito mais arbitrários do que propriamente guiados por um significado maior, uma base conceitual

sólida. Importa apenas o que o discurso dominante estabelece como verdade, em favor de sua manutenção.

Da mesma forma, Freud construiu sua teoria em um período marcado por guerras, ou seja, em um contexto de hostilidade e segregação, em que discursos contrários às diferenças construíram páginas da história escrita pela barbárie. O compromisso com o inconsciente freudiano⁴ situa a práxis psicanalítica como fundamentalmente fundamentada para criticar a subjugação social, especialmente se levarmos em conta que a subversão freudiana das relações de poder na clínica da histeria nos permitiu ouvir a inadequação do desejo à luz das normas civilizadoras.

A esse respeito, Elizabeth Roudinesco (2011), relata, em outras palavras, que o inconsciente, retoma de outra forma, através do corpo, fazendo oposições e forte resistência às disciplinas e práticas que buscam expurgá-lo. Além disso, no tempo de Freud, há algo que volta e provoca rejeição no laço social. Nas palavras de Lacan (1995).

A Negação

Com os Parmênides pré-socráticos de Eleia (c. 530, 460 a.C.) e Heráclito, a negação tem sido um tema fundamental na filosofia desde o seu início. Ao contrário de Heráclito, que usou a imagem de um rio para argumentar que é possível uma coisa ser e não ser, Parmênides disse: Essa ideia tornou-se a regra quando Aristóteles observou que nunca se deve fazer uma afirmação de que o mesmo é e não é (Aristóteles, *Metafísica*, IV, pp. 6-12).

É com Aristóteles, portanto, que esse aforismo se torna um dos princípios da lógica. Esse princípio é conhecido como princípio da contradição (também chamado de princípio da não contradição), e diz o seguinte: “algo não pode, ao mesmo tempo, ser e não ser o caso”. Os outros dois princípios são o princípio da identidade ($A \text{ é } A$) e o terceiro princípio excluído (p ou não- p).

Freud e Lacan não desconheciam a Lógica, ao contrário, sempre buscaram nesse campo uma fonte de recursos metodológicos e uma fonte de comparação com seus

⁴O inconsciente é segundo Baratto (2009), um sistema constituído por representações associadas umas às outras de acordo com as leis do deslocamento e da condensação, a verdadeira instância onde os pensamentos se produzem, e que se apresentam de forma simbólica por meio da palavra. O inconsciente freudiano se define inteiramente pelo recalque, o que levou Freud a asseverar que, a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. Lacan declara de forma muito simples, que o inconsciente é linguagem, referindo-se à linguagem como aquilo que constitui o inconsciente. As opiniões e desejos de outras pessoas fluem para dentro de nós através do discurso. Nesse sentido, podemos interpretar o enunciado de Lacan de que o inconsciente está repleto de fala de outras pessoas, das conversas de outras pessoas, e dos objetivos, aspirações e fantasias de outras pessoas (Fink, 1988, p. 25-27).

achados. É possível observar, no texto de *Verneinung* (Freud, 1925), que a lógica desempenha um importante papel comparativo para a metapsicologia freudiana.

É o caso quando Freud mostra seu conhecimento da diferença entre juízos de atribuição e juízos de existência: “A função do julgamento está geralmente relacionada a dois tipos de decisões. Afirma ou desafia a posse, em uma coisa, de um determinado atributo, e afirma ou argumenta que uma representação tem existência na realidade” (Freud, 1925/1987, p. 297).

O que Freud quer dizer senão a divisão entre proposições categóricas universais e existenciais? Afirmar a posse de um atributo equivale a uma proposição universal, afirmar a existência equivale a uma proposição existencial.

No texto de *Verneinung*, Freud (1925) a compara à negação lógica. Por outro lado, para Lacan, a Lógica oferece instrumentos para pensar o sujeito do inconsciente no discurso. Se Lacan soube aproveitar o que a Lógica oferecia como recurso metodológico, é porque, uma geração depois de Freud, os desenvolvimentos mais recentes da Lógica, aqueles produzidos desde Frege, já estavam acessíveis.

É Frege (1918, 1919/2002), também, quem propõe uma nova concepção de negação lógica, mostrando que uma negação não equivale a um pensamento, mas é exercida formalmente.

Mostra que, se a negação não dá existência ou tira a existência de algo, ela deve ser concebida como discursiva.

A origem do termo “negacionismo” remonta aos trabalhos de Henry Rousso (1990), historiador francês que se debruçou sobre o fenômeno dos negacionistas do Holocausto ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, embora o termo seja agora mais amplo e também abranja a negação de diferentes tipos: de negacionistas históricos a negacionistas científicos em geral.

Segundo Morel (2021, p. 03), na segunda metade do século 20 surgem os negacionistas profissionais, ou seja, pessoas que conscientemente realizam campanhas para negar determinado fato ou conhecimento científico com o objetivo de obter benefícios econômicos para determinado grupo.

Podemos inferir que a pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil em um ambiente em que o discurso do negacionismo já se espalhava, com desconfiança aos preceitos científicos, em escolas e universidades, professores eram frequentemente rejeitados por suas atividades e contribuições sociais.

Segundo Dunker (2020, p. 15), ao contrário de outros países, a pandemia nos atravessa em meio a uma crise econômica e a uma divisão social organizada pela gramática paranoica da produção inimiga, da autopurificação e do saneamento, bem como do combate à corrupção.

Ao considerar que nessa gramática paranoica há apenas dois sujeitos (e dois lados): eu e o outro, então “se estou certo, o outro está errado; se o outro tem razão, tenho que admitir minha própria loucura” (Dunker, 2020, p. 15). Segundo o psicanalista, quando a fronteira entre a paranoia privada e a pública se borra, “criam-se imediatamente outras fronteiras ideológicas e raciais” (Dunker, 2020, p. 15). Assim, se há apenas dois lados possíveis, a saber: a verdade e os inimigos, tudo o que está no meio deve ser ignorado e, mais do que isso, desacreditado, para gozar sem limites, na perspectiva da psicanálise lacaniana.

A paranoia se aproxima do delírio e pode ser extremamente irracional, levando o sujeito a acreditar que está passando por uma ameaça aterrorizante e iminente, resultado de uma conspiração que o enquadra como alvo e que ele deve lutar auspiciosamente.

Portanto, a chamada “gramática paranoica” não precisa de inimigos reais, de modo que a existência de uma pandemia coloca sua estrutura em risco.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (2013), propõe pensar o termo narcisismo das pequenas diferenças através de pares de opostos, tolerância e intolerância. Com o objetivo de discutir as trocas sociais como necessariamente baseadas em processos de identificação ligados aos mecanismos de preservação do núcleo do *Eu* (projeção/introjeção).

Nesse sentido, há uma tentativa civilizatória de estabelecer a unidade por meio da identificação, tendo como corolário a hostilidade a qualquer natureza de afeto que não seja entendida como comum a todos.

Freud (2013), designa como negação o *negativo* à operação psíquica que separa afeto e julgamento intelectual. Particularmente na neurose, a negação provém do mecanismo de repressão, cuja finalidade é o desinvestimento de representantes instintivos em conflito com o *Eu*, visando à separação entre representação (representante instintivo qualitativo) e afeto (representante instintivo quantitativo).

Via de regra, o recalque surge de um estado de fuga orientado pelo princípio do prazer, ou seja, com o objetivo de manter as excitações internas do aparelho psíquico o mais baixo possível, mas nunca nulo, delimitando a dinâmica eu/prazer outro/desprazer.

Freud (2013), exemplifica um modelo através do funcionamento da fobia, no qual, no momento da inscrição do representante instintivo na consciência, a fuga do nojo estabelece a repressão apenas da representação, separando-a do afeto que agirá livremente, transformando, o princípio, e, neste caso, em medo. O objeto fóbico constitui-se a partir de um deslocamento para uma nova representação substituta, que, por sua vez, estará ligada ao afeto livre, antes separado pela repressão secundária (prospecção), instituindo o que Freud chamou de retorno ao recalque. Ora, a união entre o afeto e a representação distorcida e substituída é a condição básica para a formação do sintoma.

Conquanto, tais noções são pertinentes para se pensar à luz da negação da recente pandemia, uma vez que as reproduções de discursos anticientíficos que rejeitam as evidências e técnicas de prevenção contra a Covid-19, por exemplo, podem atuar como mecanismo de fuga, deslocando o afeto para ações ideológicas que operam por meio da esquiva e da indiferença à realidade conflituosa.

Pós-verdade

A pós-verdade distorce os princípios básicos da convivência humana, como o culto à verdade e à honestidade, e favorece atitudes que fazem uso do engano e da mentira ou da meia-verdade para que seus interesses e vontades prevaleçam. A verdade é ou não é. Não existe meia-verdade ou mesmo verdade subjetiva. Falar da “minha verdade” é um ataque à razão. Pode haver opiniões, e sobre este assunto, cada pessoa é livre para emitir a sua, sobre qualquer assunto (Rosales, 2017, p. 49).

Embora o termo pós-verdade, esteja catalogado desde 1992 - identificado em um ensaio do dramaturgo Steve Tesich, na revista *Nación*-, somente em 2016 o termo ganhou grande importância na discussão política e acadêmica, em todo o mundo, com seu aparecimento na descrição de dois eventos de extrema importância para a política mundial, O Brexit e a candidatura de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos.

Nesse sentido, Keyes (2004), enfatiza que a ferramenta da mentira (ou engano) faz parte da constituição do *Homo Sapiens*, uma espécie de desenvolvimento cognitivo em favor da sobrevivência da espécie.

Joseph Goebbels (1897/1945), propagandista do regime nazista na Segunda Guerra Mundial, é creditado com a famosa frase: “uma mentira contada mil vezes se torna verdade”, o que apontaria para uma relatividade ou, pelo menos, uma fraqueza na noção de “verdade”.

Dunker enfatiza que:

[...] Alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão total da referência a fatos e verificações objetivas, substituída por opiniões que se tornam críveis apenas a partir de repetições, sem confirmação de fontes. Acho que o fenômeno é mais complexo do que isso, pois envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, em geral, absolutamente falsa e egoísta nos discursos (Dunker, 2017, p. 38).

De fato, há um objetivo manipulador em alguns discursos; há sempre um movimento de construção retórico-discursiva a partir das paixões, valores e convicções de diferentes sujeitos pelos sujeitos produtores desses discursos, com o objetivo de persuadir de forma tão simples, sem uma relação necessária com a “verdade dos fatos”. No entanto, não são necessariamente mentiras simples.

Para Charaudeau (2013, p. 23), “opinião não é conhecimento, mas juízo”, o que significa, portanto, que toda opinião é um ato subjetivo (e relativo) de interpretação da realidade, no qual valores responsáveis afetam a interpretação de fatos e verdades de uma forma e de outra.

A pós-verdade evocaria, assim, um autoritarismo de interpretação, que impele os sujeitos a predispor-se a uma certa leitura cativa dos fatos, rejeitando o que distingue, compartilhando o semelhante, sem aprofundar a reflexão sobre o que ali é relatado como verdade.

Michel Meyer (2010), aponta que o ethos, a dimensão do falante, dos sujeitos que produzem um discurso, é responsável por ser o ponto final do questionamento, ou seja, corresponde ao ethos a função de se colocar na condição de resolver as distâncias entre diferentes indivíduos pelos quais fala. No discurso da pós-verdade, no entanto, o ethos é a própria instituição das distâncias, não há interesse dos sujeitos em estabelecer aproximações com os divergentes. Há, ao contrário, o movimento do ethos para aumentar a distância com o diferente, pois quanto mais se afasta de outras identidades, menor o risco de absorvê-las.

E, inversamente, valor é paixão menos resposta subjetiva e emocional. Nesse sentido, pode-se dizer que a paixão é a corporificação de valores no sujeito e, para o filósofo, os valores, como absolutos, raramente são negociáveis.

Segundo Freud (1927), em seu texto *O Futuro de uma Ilusão*, foi justamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que ela se uniu e criou a civilização, que

também, entre outras coisas, se pretende tornar possível nossa vida em comum, pois a principal missão da civilização, sua verdadeira razão de ser é nos defender contra a natureza.

O DISCURSO NEGACIONISTA

Na perspectiva da Análise do Discurso, em diálogo com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise, e como o negacionismo científico opera no plano discursivo na realidade brasileira contemporânea podemos, a partir dessa ideia, considerar relevante a interlocução do referencial teórico de análise com a psicanálise. Este último vê o discurso como a própria expressão psíquica dos sujeitos, uma vez que se quer, da psicanálise como método de análise do próprio discurso.

Acreditamos que na análise dos discursos e, em particular, dos discursos negacionistas, é possível revelar algumas das configurações epistêmicas, ideológicas e políticas, nas quais se organizam as modalidades de subjetivação e sofrimento psíquico características de nosso tempo.

O discurso do negacionismo seguindo a influência das marcas da pós-verdade, observando o cenário do negacionismo científico, tem como eixo o movimento político conservador liderado pelo ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), e fica claro que há uma dimensão pragmática de ações que negam parcial ou totalmente o conhecimento ou mesmo a própria comunidade científica.

Observamos uma série de ações governamentais que apontaram nessa direção: desmonte dos programas governamentais de apoio à pesquisa científica; embates com a academia e cortes de investimentos das universidades públicas; um constante questionamento dos dados científicos fornecidos pelos órgãos públicos, quando estes, em alguma medida, contradizem certas concepções políticas do governo ou de seus apoiadores.

E isto se alastra entre os anos de 2020 e 2021, como noticiado pelo Jornal Correio Braziliense em outubro de 2021: “Governo Bolsonaro corta 87% da verba para Ciência e Tecnologia. Verba cai de R\$ 690 milhões para apenas R\$ 89 milhões. Decisão partiu do Ministério da Economia.” (Correio Braziliense, 2021).

Quando no Brasil aumenta velozmente o número de contaminados e mortos pela COVID-19, sem apresentar respostas efetivas frente à disseminação do vírus o governo Bolsonaro reafirma o discurso de desinvestimentos como medidas necessárias à

recuperação da economia após a recessão em trânsito. Como noticiado em março de 2020 no jornal O Globo: “Governo prepara campanha com slogan ‘O Brasil Não Pode Parar’. Vídeo preliminar cita emprego de autônomos e prestadores de serviços e até combate ao coronavírus para defender retomada das atividades comerciais.”

“Para os pacientes das mais diversas doenças e os heróicos profissionais de saúde que deles cuidam, para os brasileiros contaminados pelo coronavírus, para todos que dependem de atendimento e da chegada de remédios e equipamentos, o Brasil não pode parar. Para quem defende a vida dos brasileiros e as condições para que todos vivam com qualidade, saúde e dignidade, o Brasil definitivamente não pode parar”, diz o narrador. (Jornal O Globo, 2020).

Diversas ações ou omissões foram disseminadas pelo governo Bolsonaro no contexto da pandemia, deslegitimando contribuições científicas na prevenção da disseminação do novo Coronavírus, que promoveu o uso de medicamentos sem comprovação científica, questionando órgãos governamentais e multilaterais que lidam com a saúde sob uma perspectiva científica, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Durante o contexto da pandemia, a propaganda de médicos promovendo o uso de medicamentos não comprovados para o tratamento da Covid-19 foram recorrentes, semelhante à relatada por Vasconcelos e colaboradores (2015), sobre o papel desempenhado por pesquisadores e publicações em periódicos na disseminação de equívocos sobre as vacinas.

Nesse sentido, para melhor compreender esse cenário, recorreremos à análise do discurso e, entendendo como Žižek (1996), em referência às possibilidades oferecidas pela Análise do Discurso e seu diálogo com a psicanálise, comenta que por meio dessa perspectiva é possível analisar como se estrutura o espaço simbólico no qual o sujeito está inserido.

Žižek (1996, p. 17), enfatiza que “os fatos nunca ‘falam por si’, mas são sempre levados a fazê-lo por uma rede de mecanismos discursivos”. E assim como ficou evidente a dimensão do que não é dito nas formações discursivas, vale atentar para outros elementos da linguagem: [...] devemos ter em mente aqui o lema de Lacan de que na realidade nada falta: qualquer percepção de falta ou excesso (“não há o suficiente disso”, “há muito disso”) implica sempre um universo simbólico (Žižek, 1996, p. 17).

Em relação ao cenário brasileiro, acredita-se que o discurso do negacionismo científico opera a partir da articulação entre diferentes fenômenos sociais característicos de nosso tempo.

A escolha política pela restrição de investimentos pretéritos à pandemia, sob o mantra do equilíbrio fiscal e da saúde econômica, mostra-se conforme Carvalho, Carvalho e Zagni, (2020, p. 115), “mera peça retórica”, regado por ditames fortemente evangélicos, transformando-se em força robusta nas casas legislativas, cuja troca de apoio pela adoção de valores tradicionais da família implica em permitir os discursos negacionistas e as *fakes News* do ex-presidente, bem como o blinda durante a pandemia.

Santaella (2018), destaca a grande variabilidade de concepções sobre *fake news*, a saber: a proliferação de informações falsas; publicar opiniões como se fossem fatos; Notícias que em seu conteúdo demonstram veracidade, mas em suas manchetes e títulos fornecem elementos falsos.

A autora comenta que uma das novidades da contemporaneidade em relação às *fake news* refere-se ao papel das redes sociais, nas quais, diferentemente do que ocorreu na imprensa tradicional, os indivíduos são ativos no processo de publicação; em suas palavras: “a autoridade e a capacidade de publicar agora passam de mão em mão” (Santaella, 2018, p. 288).

No contexto brasileiro, entende-se que é a recorrência e união de diferentes elementos de *fake news* e teorias conspiratórias, para que sejam reverberados por lideranças políticas e simpatizantes.

Pode-se, então, entender como característica discursiva do movimento político de Bolsonaro, a “irracionalidade”, diríamos aqui, outra forma de racionalidade que remete aos postulados lacanianos, no sentido da falta de lógica ou de sustentação viável do que foi pronunciado e compartilhado por si mesmo, tratando de outra instância de expressão.

Dunker (2017, p. 8), aponta que um dos principais fenômenos da contemporaneidade é a pós-verdade, o surgimento de teorias conspiratórias e outros fenômenos acaba instituindo outra verdade: “de forma modificada, vários aspectos pré-modernos da verdade, ou seja, uma verdade inflada de subjetividade, mas sem sujeito”.

Segundo Dunker (2017), no contexto da pós-verdade, mais do que a ocorrência do relativismo sobre verdade e realidade, outros aspectos devem ser considerados.

Aqui se destaca a concepção do autor de que é preciso compreender a temporalidade da verdade que emerge na pós-verdade: Afinal, a pós-verdade é, antes de tudo, uma verdade contextual, que não pode ser escrita, colocada no bolso e apresentada novamente amanhã, como garantia de fidelidade, compromisso ou esperança que a palavra gera (Dunker, 2017, p. 9).

Nesse sentido, as reflexões de Dunker (2017, p. 17-20), sobre a pós-verdade e sua relação com as redes sociais têm muito a dizer. O autor comenta que a linguagem das redes sociais, diferentemente da interação face a face entre indivíduos, introduz novas dimensões: “a segunda característica da pós-verdade é que sua retórica é icônica”, “lembrando que o ícone é uma imagem que é vista ou percebida imediatamente”.

Dunker (2017), lança mão das reflexões de Lacan sobre a transição entre o discurso vazio e o discurso pleno que ocorre durante a clínica psicanalítica. [...] Falar, colocar-se realmente no que dizemos e ouvir os efeitos do que dizemos, sem que suas consequências sejam esquecidas por trás de tantos ditos repetidos, pré-fabricados e vazios, é realmente uma experiência muito difícil e rara. Quando isso acontece, nossa conexão com os outros muda, ele não será mais indiferente ou apenas um meio de atender nossa demanda funcional (Dunker, 2017, p. 19).

O então presidente, Bolsonaro, durante a pandemia, não apenas atrasou deliberadamente a compra das vacinas, como também questionou a segurança e eficácia delas quase sempre em suas redes sociais. Em 17 de dezembro de 2020, por exemplo, Bolsonaro atacou a vacina da Pfizer, alegando que a farmacêutica não queria se responsabilizar pelos possíveis efeitos colaterais da vacina, que, segundo o então presidente, poderia transformar indivíduos em animais, fazer homens terem poderes sobrenaturais ou mudarem de gênero (Bezerra et al., 2021).

Dessa forma, à luz da psicologia das massas, e no contexto histórico que foi a pandemia de COVID-19, como confronto com o politicamente correto e a luta pela liberdade de expressão, podemos entender o negacionismo científico a partir de *fake news* e teorias conspiratórias, além dos movimentos liderados por políticos como o ex-presidente da República.

Na psicologia das massas, Freud (2013), nos diz a respeito da negação científica: o vínculo afetivo por trás do movimento negacionista da ciência, por um lado, apresenta ao sujeito a possibilidade de dizer o que pensa, sem levar em conta parâmetros científicos, colocando teorias conspiratórias avançadas e compartilhando *fake news* - introduz uma dimensão transgressora do direito, Por outro lado, observa-se que, em um mesmo discurso político, há uma constante provocação para que os indivíduos se submetam a outros padrões de comportamento.

Nos discursos do movimento político de Jair Bolsonaro, não há busca por uma espécie de anarquia, mas a avaliação de uma prática regulatória específica que terá, no

discurso religioso e no ideal realizado pela direção política do presidente, bases importantes.

Propositalmente, os discursos do ex-presidente quase sempre tomam forma e são disseminados nas redes sociais, mais precisamente no twitter, deste modo:

Compreendemos a disputa discursiva no Twitter como um embate pela legitimidade – obtida através da reprodução e consequente assujeitamento aos enunciados, ou seja, pelos *retweets* e menções a um *tweet* original apoiado na mesma formação discursiva – e pela visibilidade – construída pelo alcance do discurso entre os vários sujeitos da rede e seu aparecimento nos *trending topics* da ferramenta (Recuero & Soares, 2021, p. 6).

Sobre este último aspecto, a psicologia das massas e a análise do *Self* propostas por Freud (1921/2011), têm muito a nos dizer. Aqui podemos analisar a figura do atual presidente sob a ótica do maestro de massas, conforme tratado por Freud (1921/2011).

A partir das reflexões de Freud (1921/2011), podemos pensar na figura do ex-presidente Jair Bolsonaro como um líder que, pelo lugar simbólico que ocupa, possibilita o vínculo afetivo entre os membros da massa. Podemos também enumerar como esse caráter onipotente do pai primordial se assemelha à concepção do Eu ideal do sujeito através do narcisismo primordial. É interessante notar que a satisfação que o sujeito experimenta pelo Eu ideal pode se manifestar novamente por meio do ideal do Eu, aqui consubstanciado na imagem do líder (Freud, 1914/2010).

As relações afetivas que promovem a formação de massa também permitem compreender a aversão recorrente aos indivíduos e mesmo às ideias que não compõem o grupo. Sobre isso, Freud (1921/2011), percebe que nas identificações o objeto ao qual se destina o investimento é introjetado no eu; portanto, qualquer movimento de crítica contra esse objeto que se torna o Ideal do Eu é entendido como um ataque ao Eu.

Segundo Lagoas (2016), para a psicanálise, o desejo surge como um conceito essencial para compreender a relação entre sujeito e realidade, e que, por meio da investidura do objeto na mãe, e depois em outros objetos, há uma separação gradual entre o sujeito e o mundo exterior. Para pensar em uma espécie de negação da realidade é necessário indagar na literatura psicanalítica se há alguma tendência no psiquismo de se distanciar ou mesmo de negar a realidade objetiva, bem como questionar quais elementos provocam uma demanda de distanciamento, igualmente, da realidade.

Certamente, uma notícia expressamente falsa não ganharia espaço na racionalidade da população, razão pela qual as *fakes news* costumam apelar para “especialistas”, cientistas,

professores, políticos, alguns falsos, outros com discursos distorcidos para ganhar autenticidade ao que acreditam.

A novidade que as *fakes news* trazem na pandemia, que recentemente chamaram de infodemia, termo que se refere: um grande aumento no volume de informações associadas a um tema específico, que pode se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como na recente pandemia. Nessa situação, surgem boatos e desinformação, além da manipulação de informações com intenções duvidosas.

A experiência da escassez de movimento que a pandemia de Covid-19 nos proporcionou, nos obrigou a uma “parada forçada”, tanto do ir e vir quanto do consumo, do imediatismo, da renúncia forçada a qualquer experiência capaz de produzir prazer, abrindo a possibilidade de descobrir que podemos viver com menos e que sobrevivemos.

Durante a pandemia, são várias as ações que colocam no caminho do governo Bolsonaro uma atualização da visão olavista de mundo: reprodução da paranoia racista contra o governo chinês que vincula raça ao vírus: o vírus chinês; no caso brasileiro, a mudança da ocultação de dados sobre incêndios na Amazônia para a ocultação de dados sobre pessoas mortas pelo vírus; inimigos de quem faz divulgação científica no caso do tema quente o diretor do INPE.

O ex-presidente Jair Bolsonaro fez diversos pronunciamentos, tanto em entrevistas para veículos jornalísticos, quanto falas à nação ou lives na mídia social neste mesmo período, com discursos contraditórios às orientações do Ministério da Saúde e antagônicos aos posicionamentos dos governadores.

Por outro lado, no caso da pandemia, os ministros da Saúde Mandetta e Teich foram demitidos por revelarem de forma transparente dados que não se encaixavam na narrativa negacionista e foram rotulados de alarmistas e mentirosos.

O discurso de Mandetta, quando foi demitido, é sintomático: “Eu não fui demitido, demitida aqui foi a ciência”.

É importante lembrar que no dia em que o Brasil completou quase 5 mil mortes por coronavírus, quando questionado, Bolsonaro respondeu a seguinte frase emblemática: “E daí? Você quer que eu faça o quê? Eu sou o Messias, mas não faço milagre”. Entra na lista de muitas outras declarações lamentáveis: o descaso com a letalidade do vírus, caracterizando-o como gripe, e o terrível descaso com a atenção pública em relação ao vírus.

O ex-presidente defendeu que o COVID-19 tratava-se de “uma gripezinha”, que as coisas “deveriam voltar à normalidade” (ou seja, que o isolamento social terminasse, contrariando diretamente o ministro da Saúde), e que a cloroquina seria uma “cura” para o coronavírus (em live e em pronunciamento no dia 24/03/2020), embora os especialistas alertassem para a falta de evidências sólidas da eficácia e os possíveis riscos do uso da droga. Vemos, portanto, evidências de disputas discursivas aqui que constituem um campo relevante para nossa análise. Políticos participaram na disseminação desses discursos, mostrando a amplitude da desinformação na rede (Recuero & Soares 2021).

Assim como Orbán, Bolsonaro mobilizou esse realismo relutante ao usar a crise para colocar a população sob controle da informação, vigiar inimigos e relativizar mortes factuais como “histeria da imprensa” e criminoso para incitar sua base a invadir hospitais e fiscalizar UTIs assediando profissionais de saúde. O presidente deixou claro um projeto neomalthusiano, típico do darwinismo social, replicado na aposta eugênica da imunidade de rebanho cuja função de extermínio é eliminar os fracos e inimigos do governo.

Esses atos coincidem com a tipologia que o filósofo Jason Stanley (2018), que sobre as dez características constitutivas desse pensamento retrógrado: (a) recorrer à nostalgia de um passado mítico que glorifica uma estrutura de dominação social: seja um período de supremacia masculina ou racial e até mesmo um regime despótico como a ditadura militar no Brasil, (b) propaganda e agitação fascistas, (c) anti-intelectualismo, (d) a destruição bolsonarista da realidade e a relativização da verdade, entendida hoje pela disseminação de *fake-news*, (e) a hierarquização da sociedade, (f) a vitimização de um grupo dominante, (g) a disseminação de tensão sexual contra um grupo adversário que seria naturalmente imoral; (h) uma saga contra a ideologia de gênero e, finalmente, (i) um elogio ao trabalho à maneira nazista e uma acusação a todos os que se opõem a essa teologia da prosperidade como e preguiçosos que querem impedir o avanço da nação.

Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa/trabalho pode nos levar a um maior esclarecimento a partir de novas pesquisas sobre os processos discursivos que colaboram para a forma que a pandemia foi conduzida no Brasil, para que possamos ganhar mais clareza e aprimorar outros instrumentos de combate e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso negacionista na realidade brasileira contemporânea revela a complexa intersecção entre fatores sociais, políticos e psicológicos que moldam a subjetividade dos indivíduos. O negacionismo científico, impulsionado por lideranças políticas e alimentado por uma dinâmica de pós-verdade, não apenas desafia a lógica do conhecimento científico, mas também transforma a própria forma como os indivíduos se relacionam com a realidade. A interação entre a psicanálise e a análise do discurso oferece um arcabouço teórico valioso para compreender esses fenômenos, evidenciando como as narrativas dominantes podem distorcer a percepção da verdade e manipular emoções coletivas.

Deste modo, é possível pensar que a pandemia de Covid-19 expôs com intensidade os mecanismos discursivos que sustentam o negacionismo no Brasil, revelando não apenas um embate entre ciência e ideologia, mas a constituição subjetiva de uma realidade paralela fundamentada na pós-verdade. O discurso negacionista, longe de ser um fenômeno marginal ou fruto da ignorância, articula-se como uma estratégia de poder que opera na subjetividade dos indivíduos, moldando afetos, identidades e crenças, ao mesmo tempo em que instrumentaliza a linguagem para distorcer fatos e consolidar lideranças autoritárias.

Nesse sentido, discutir o negacionismo é discutir a própria fragilidade das democracias contemporâneas, onde a verdade passa a ser um elemento negociável diante da força da crença e da performance retórica. O contexto pandêmico, com sua carga traumática e seus desafios inéditos, intensificou a circulação de discursos que simplificam, polarizam e mobilizam afetos, revelando que a crise sanitária foi também, e talvez sobretudo, uma crise simbólica e discursiva.

Portanto, é fundamental reconhecer a centralidade do discurso negacionista na formação de subjetividades e nas disputas políticas atuais. Discuti-lo criticamente é um imperativo ético e epistemológico, pois trata-se de defender a legitimidade do saber científico, a integridade do debate público e a possibilidade de uma sociedade que valorize as ciências, as pesquisas científicas, sem renunciar à responsabilidade coletiva diante da realidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, R. F. Negacionismo pode não ser apenas falta de conhecimento, mas também uma resposta instintiva ao medo. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 12, p. 33549-33555, 2019.
- ALMEIDA, L. F. R.; GONÇALVES, R.; SILVA, I. G.; ALMEIDA, F. Em defesa do Sistema Único de Saúde—Entrevista com Fernanda Almeida. **Lutas Sociais**, v. 24, n. 45, p. 305-321, 2020.
- ARRUDA, R. L. O negacionismo como artefato da pós-verdade: Bolsonaro, a pandemia e a educação. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 5, n. 15, p. 81-93, 2021.
- BARATTO, Geselda. A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2009, vol.29, n.1, pp.74-87.
- BENVENISTE, É. L'appareil formel de l'énonciation. **Langages**, n. 17, p. 12-18, 1970.
- BEZERRA, J. S., MAGNO, M. E. da S. P., & MAIA, C. T. (2021). Desinformação, antivacina e políticas de morte: O mito (d)e virar jacaré (Disinformation, antivaccine and politics of death: the myth of becoming an alligator). **Revista Mídia e Cotidiano**, 15(3), 6-23, 2021.
- CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 209-224, 2020.
- CARVALHO, R., CARVALHO, R., & ZAGNI, R. M. (2020). **Em Guerra e Sem Armas**: a pandemia mundial e o desmonte das ciências no Brasil. *Confluências*, Niterói-RJ, v. 22, n.2, p. 106-129, 2020.
- CHECCHIA, M. A. Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1-2, p. 321-338, 2004.
- CORREIO BRAZILIENSE. Governo Bolsonaro corta 87% da verba para Ciência e Tecnologia. **Correio Braziliense**, Brasília, 5 out. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/10/4954322-governo-bolsonaro-corta-87-da-verba-para-ciencia-e-tecnologia.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- DAVID-MÉNARD, M. **A loucura na razão pura**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- D'AGORD, M. A negação lógica e a lógica do sujeito. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 2, p. 241-258, 2006.
- DANZIATO, L. B. Considerações lacanianas sobre a Verneinung de Freud. **Contextos clínicos**, v. 5, n. 1, p. 37-44, 2012.
- DUARTE, A. D. M.; CÉSAR, M. R. D. A. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 4, p. 109-146, 2021. DOI: 10.1590/2175-6236109146.
- DUNKER, C. I. L.; PAULON, C.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise psicanalítica de discurso**: perspectivas lacanianas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. São Paulo: Dublinense, 2017.

DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. São Paulo: Dublinense, 2018.

ESTEVÃO, I.; PRUDENTE, S. Psicanálise e sujeito neoliberal: "logo, toda sua psicanálise caberá dentro de uma pílula". **Clínica & Cultura**, v. 8, n. 2, p. 122-140, 2019.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 4 - A interpretação dos sonhos (1900)**. Tradução · Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 14 - História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 12 - Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução e notas Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **A negação**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GALINARI, M. M. Identificando os "discursos de ódio": um olhar retórico-discursivo. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 28, n. 4, p. 1697-1746, 2020.

GUERRA, J. D. D. M. **O discurso do negacionismo científico na realidade brasileira: uma leitura psicanalítica acerca da relação entre sujeito e ciência na contemporaneidade** [Monografia]. Centro Universitário de Brasília – CEUB, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES. 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15173>.

JAKOBSON, E. R. **Discurso e Comunicação Estruturalismo II** [Slides de PowerPoint]. 2021. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17010116022012Introducao_as_Teorias_do_Discurso_Aula_2.pdf.

JORGE, M. A. C.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento-e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, p. 583-596, 2020.

KRAUSE-VILMAR, D. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política. In: MILMAN, L.; VIZENTINI, P. F. (Orgs.). **Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000. p. 97-111.

KEYES, R. **The post-truth era: Dishonesty and deception in contemporary life**. New York: Macmillan, 2004.

KLEIN, E. J.; DA CUNHA KLEIN, G. V. A circulação do discurso especializado como parte dos fluxos de desinformação sobre a COVID-19 no WhatsApp. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 28, n. 53, p. 282-297, 2021.

LACAN, Jacques. (1959-1960). **O Seminário. Livro 7: A ética na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. (1958-1959). **O Seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

LACAN, J. **Escritos i**. Vol. 1. São Paulo: Siglo XXI, 2009.

LAGOAS, J. M. **O problema da percepção na psicanálise de Freud à Lacan** [Tese de doutorado]. Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica e Cultura, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26512/2016.02.T.19964>.

LIPSTADT, D. E. **Negação**. São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2017.

LÓPEZ, L. A. F. Presencia Y Comprensión Del Tóde Tt En El Organon De Aristóteles. **Revista Hypnos**, n. 14, 2005.

MACHADO, S. B. A ideologia de Marx e o discurso de Foucault: convergências e distanciamentos. **Sociologias**, v. 12, n. 23, p. 46-73, 2010.

MAINGUENEAU, D. Discurso e análise do discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 157-184.

MICHEL, M. Principia Rhetorica. Une théorie de l'argumentation. **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 3, p. 1-5, 2010. DOI: 10.4000/aad.749.

MORAES, L. E. D. S. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011.

NASCIMENTO, F. V.; ENDRUWEIT, M. L. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. **MOARA-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, n. 38, p. 196-214, 2013.

NETO, O. C. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 1097-1123, 2009.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Língua (gem)**, v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005.

O GLOBO. Governo prepara campanha com slogan 'O Brasil Não Pode Parar'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/governo-prepara-campanha-com-slogan-brasil-nao-pode-parar-1-24332284>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PEREIRA, A. B. Da dor ao sonho: sobre a coleção Oniricopandemia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 54, n. 2, p. 105-121, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000200008&lng=pt&tlng=pt.

PSICANALÍTICA, S. F. A. Clínicas do Testemunho: reparação psíquica e construção de memórias. **Criação Humana**, 2014. Disponível em: <http://www.sig.org.br>.

QUINTELLA, R. R. A produção intelectual face à peste brasileira. **ECOS - Estudos**, 2021.

RECUERO, R.; SOARES F. B. O discurso desinformativo sobre a Cura da COVID-19 no Twitter: estudo de caso. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, DF. Vol. 24, p. 1-29, 2021.

REZENDE, C. C. A. D. Reminiscências da síndrome: temporalidade, história e psicanálise na obra de Henry Rousso [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/19334>.

RIPOLL, L. A negação freudiana: fissuras na razão cartesiana e na neutralidade científica. **Revista EPOS**, v. 5, n. 2, 2014.

ROCHA, R. M. Tempos Difíceis: Peste, Preconceitos e Violência. **Pensamento Contemporâneo Psicanálise e Transdisciplinaridade**, v. 2, n. 1, p. 95-100, 2020.

ROUSSO, H. Un jeu de l'oe de l'identité française. **Vingtième Siècle: revue d'histoire**, n. 15, p. 151-154, 1987.

ROUDINESCO, E. **Lacan, a despeito de tudo e de todos**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.

SAFATLE, V. **Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno**. São Paulo: Autêntica, 2019.

SANTAELLA, L.; GALA, A.; POLICARPO, C.; GAZONI, R. Desvelando a Internet das coisas. **Revista GEMInIS**, v. 4, n. 2, p. 19-32, 2018.

SANTOS, W. S.; CHAGAS, F. R. Estudo sobre as Técnicas Argumentativas Utilizadas nos Textos Publicitários. **Cadernos da FUCAMP**, v. 17, n. 31, p. 185-208, 2019.

SARDI, G. C. O que difere o negacionista do antirrealista? uma análise acerca da incoerência do negacionismo científico frente aos fatos da realidade. **Revista Contemplação**, n. 25, 2021.

SEIXAS, R. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 2019.

SOUSA, V. T. J. Negacionismo viral e política exterminista: notas sobre o caso brasileiro da COVID-19. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, n. 11, p. 45, 2020.

STANLEY, J. Como funciona o fascismo: A política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006. [Entrada 'discurso', p. 84].

ŽIŽEK, S. **The indivisible remainder: An essay on Schelling and related matters**. London: Verso, 1996.

Recebido em: 30 de abril de 2025

Aprovado em: 27 de maio de 2025

